

## Desumanizando o outro: reatualizações do discurso anticomunista na revista Veja

Pâmella Deusdará<sup>1</sup>

### Resumo

Pretendemos investigar as reatualizações do discurso anticomunista, sobretudo no que tange à construção do seu revés, o comunismo. Para tal, selecionamos a matéria da revista *Veja* de outubro de 2007, intitulada “Che a farsa do herói”, por acreditarmos que diversos elementos do discurso anticomunista característico, sobretudo, da Guerra Fria são revisitados. Ao privilegiar o âmbito da linguagem, pontuamos nossa referência nas produções de Bakhtin (2000; 2004) e na Análise do Discurso de base enunciativa, da qual incorporamos os conceitos de *prática discursiva* (MAINGUENEAU, 1997) e *cenografias* (MAINGUENEAU, 2001).

### Palavras-Chave

Discurso anticomunista; Revista *Veja*; Análise do Discurso

### Abstract

The aim of this investigation is the new models of anti-communist discourse. We choose the article intitulated “Che a farsa do herói” (Che the hero fallacy) published in Brazilian *Veja Magazine* (october, 2007), because we truly believe that in this kind of article there are elements of the anti-communist dicourse, especially the cold war ones. By giving privilege to the analysis of language, we base our analysis on Bakhtin work and on the concepts of discursive practice (MAINGUENEAU, 1997) and cenography (MAINGUENEAU, 2001).

### Keywords

Anti-communism Discourse; *Veja Magazine*; Discourse Analysis.

### 1. Considerações Iniciais

A idéia de escrever o presente artigo data dos meses finais de 2007, momento no qual dedicávamo-nos a fase final de nossa pesquisa de mestrado que apresentava como problemática central o discurso anticomunista e o golpe de 1964 no Brasil. Até o referido momento nosso olhar voltava-se prioritariamente para as manifestações anticomunistas no passado da história política brasileira, ainda que tenhamos chamado atenção para suas recorrentes revisitações implementadas pela grande mídia, principalmente no tratamento dado ao Partido dos Trabalhadores como pode ser percebido no fragmento abaixo:

*Não. Não é o Lula; é uma entidade mais geral que percorre todos os homens do Poder atual. Porque vamos combinar, falando sério, a ‘coisa está ficando preta’, como proíbe a cartilha ‘Politicamente Correto’ do governo. Corruptos de direita*

---

<sup>1</sup> Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do Observatório da Indústria Cultural (UFF).

*dançando minueto com 'burros comunistas' estão aí, preparando a volta do 'samba do crioulo doido'. (JABOR, 2005).*

Tal fragmento, parte de uma das muitas crônicas de Arnaldo Jabor, servia-nos para demonstrar a atualidade do discurso anticomunista que se pensava acabado. Porém tal discurso atualmente encontrava-se de maneira difusa, assumindo um caráter fluido na grande mídia, dificultando uma percepção mais imediata de tais ocorrências.

No entanto no segundo semestre de 2007, dois episódios em cadeia nacional, colocaram na ordem do dia o debate acerca da reatualização do discurso anticomunista. Falamos especificamente das reportagens sobre a coleção de livros didáticos de História chamada “Nova História Crítica” do autor Mário Schmidt, divulgadas principalmente pelo Jornal “O GLOBO”, e da matéria de capa da revista VEJA de outubro de 2007, que se intitulava “Che: a farsa de um herói”.

A primeira centrava sua crítica num suposto posicionamento político do autor, que seria comunista, e que visava doutrinar os alunos leitores de seus livros didáticos. Apesar de não ser objeto do presente artigo, cabe ressaltar que essa série de reportagens raramente apresentava um embasamento historiográfico ou mesmo uma referência nas discussões sobre Ensino de História, métier no qual tal livro já foi cuidadosamente analisado, recebendo várias críticas de cunho teórico-pedagógico.

Como segundo acontecimento, está a matéria da revista Veja, e que constitui objeto central de análise do presente trabalho. Tal reportagem nos chamou atenção pela abordagem intensa de desconstrução e desumanização da figura de Ernesto Che Guevara, o que levanta aspectos contraditórios se pensarmos que o discurso dominante procura disseminar a idéia de uma “Nova ordem mundial” hegemônica, na qual alternativas ao capitalismo não são mais encaradas como possibilidades concretas.

Propomos então refletir acerca do que chamamos de revisitção do discurso anticomunista característico do século XX, principalmente no momento de acirramento da bipolarização capitalismo versus comunismo que se deu durante a chamada Guerra Fria. Acreditamos que com isso poderemos problematizar a suposta falta de alternativa ao capitalismo e perceber que outras formas de resistência e luta emergem no limiar do século XXI.

## **2. Mídia, política e (des)construção de imagens**

Partindo do fato de que o corpus de nossa análise é uma matéria de revista de grande circulação nacional, vimos a necessidade de abordar, ainda que de maneira sucinta, a questão da mídia, em especial do papel da mídia na esfera política. Compreendendo o espaço

midiático como um espaço de produção e não meramente de reprodução ou ainda divulgação de uma realidade dada a priori, pretendemos problematizar a construção da identidade comunista, através da (des)construção da imagem de Che Guevara.

A questão da alteridade, certamente, assume lugar cativo neste debate, pois compartilhamos da idéia de que é a partir da relação estabelecida com o outro, seja essa relação de aproximação ou afastamento, que a identidade se constrói.

Diversos autores no âmbito dos estudos multiculturais vêm apontando para a necessidade de uma perspectiva que privilegie o outro em suas análises, contribuindo assim para uma reflexão mais complexa dos processos sociais, seja no campo da historiografia ou não.

Acreditamos que tal abordagem tem muito a contribuir para os estudos históricos, sobretudo, no que tange à História Política, fortemente marcada por enfrentamentos e disputas. A esse respeito podemos destacar a obra de Edward Said *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (2007), em que o autor trabalha com a perspectiva da alteridade para compreender a forma pela qual o oriente é abordado pelo ocidente, forma esta que ele irá chamar de orientalismo (SAID, 2007: 27).

Em seus estudos, Said (2007) recupera a alteridade presente na representação que o ocidente faz do oriente, acrescentando que a relação entre esses ‘pólos’ é uma relação de poder, e que o oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material européia. Sendo assim, o oriente, na perspectiva do autor, ajudou a definir a Europa.

Analisar a produção da identidade comunista através do discurso anticomunista, nessa perspectiva, requer a compreensão da alteridade como princípio de investigação. Tal afirmativa se torna pertinente, ao trabalharmos com a idéia de que, ao elaborar a identidade do outro, mitos e medos são recorrentemente revisitados nos textos produzidos na esfera política.

Para o presente artigo optamos por lançar um olhar sobre o medo em sua dimensão de produção de consenso. Em nossa compreensão de consenso, referenciamos na obra do italiano Antonio Gramsci e sua noção de Estado Ampliado, bem como na articulação entre consenso e coerção na busca e consolidação de uma dada hegemonia (GRAMSCI, 1988). Privilegiaremos assim os usos políticos do medo, atuando em favor de determinadas posições políticas.

Para realizar tal abordagem, destacamos as reflexões de Noam Chomsky (2003), sobretudo as reflexões constantes no livro *11 de setembro*, no qual são compiladas várias entrevistas dadas por Chomsky a jornalistas de diversos países.

Ao longo das entrevistas, todas elas produzidas num período muito próximo aos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, observamos uma postura de Chomsky em analisar de forma mais sistemática tais episódios, tentando escapar de reflexões estanques sobre o desenrolar dos atentados. Como o próprio autor ressalta, é mais fácil identificar o inimigo e personalizá-lo do que tentar compreendê-lo (CHOMSKY, 2003: 40).

Personificando e demonizando o outro, qual seja Bin Laden, os muçulmanos ou o islamismo, espalhando o medo de novos ataques com bombardeios ou armas químicas, conseguiu-se muito rapidamente o apoio necessário para ‘combater o mal’.

Tal episódio de produção do medo na sociedade norte-americana não tem seus primórdios no bojo dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Douglas Kellner (2001), em seus estudos sobre a cultura da mídia, faz uma análise sistemática da utilização midiática do medo com finalidades políticas de produção / obtenção de consenso.

Analisando a Guerra do Golfo, na qual os norte-americanos se puseram no lugar de defensores do Kuwait e inimigos do Iraque, Kellner chega a afirmar que a guerra contra o Iraque pode ser lida como um texto produzido pelo governo Bush (1989-1993), pelo Pentágono e pela mídia. Tal texto, ao se utilizar de imagens e discursos da crise no oriente, procurava obter consentimento para a intervenção militar norte-americana na região (KELLNER, 2001: 255).

Num processo de demonização e satanização do inimigo, Kellner (2001) identifica que procurando produzir uma determinada imagem para Sadan Hussein, a mídia expunha fotos de atrocidades, testemunhos muitos deles fabricados, que tinham por objetivo desumanizar o inimigo, os soldados iraquianos. Segundo afirma o autor, “é como se a cultura popular americana precisasse de demônios para sentir-se segura de sua própria bondade” (KELLNER, 2001: 268).

Identificamos processo semelhante na referida reportagem da revista *Veja*, que procurando desumanizar e satanizar Che Guevera, anuncia revelar “verdades inconvenientes” sobre o guerrilheiro, atuando na desconstrução de seu mito. Ou ainda, percebendo de que maneira atrelar crueldades e atrocidades à imagem de Che não é também produzir uma idéia de democracia e segurança na pseudo-democracia que vivemos, democracia esta na qual execuções sumárias, denunciadas pela reportagem, são cotidianamente implementadas pelo próprio Estado, em nome de uma suposta “segurança pública”.

### **3. Análise do Discurso: uma abordagem enunciativa**

Passaremos agora para uma análise mais sistemática de nosso corpus, buscando analisar de que maneira o discurso anticomunista foi revisitado no decorrer da reportagem analisada. Para tal, cremos ser importante pontuar alguns referenciais por nós adotados e que nos servem de pressupostos no tratamento de nossas fontes.

Primeiramente destacamos o conceito de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997), através do qual pretendemos abordar a dimensão produtora da linguagem e não exclusivamente reflexiva, como se apenas retratasse um real construído a priori. Compreendida como uma produção simultânea de textos e de determinadas comunidades de sustentação desses textos, a noção de prática discursiva elaborada por Maingueneau contribui para pensarmos a mídia enquanto esfera de produção e não meramente de divulgação.

Assim, aplicando as contribuições do autor a nossa análise, poderíamos pensar em um dado grupo que produz/sustenta os enunciados de tal reportagem, mas sem esquecer que tais enunciados atuam no sentido de dar visibilidade/aumentar o referido grupo, que podemos chamar de comunidade de sustentação.

Recorremos ainda, ao conceito de cenografias, visando compreender quais cenários foram produzidos ao longo da matéria da revista *Veja*, pois como afirma Maingueneau:

*Em compensação o discurso publicitário ou o discurso político mobilizam cenografias variadas na medida em que, para persuadir seu co-enunciador, devem captar seu imaginário e atribuir-lhe uma identidade, por meio de uma cena de fala valorizada (MAINGUENEAU, 2001: 90).*

Como aponta o autor na citação acima, a valorização da fala é um dos objetivos dos enunciadores de tais discursos. Em nosso cópuz, qual seja, a matéria veiculada pela revista *Veja*, tal valorização deu-se através de uma busca de legitimação do lugar de fala da revista. Na capa, que anunciava “Che a farsa do herói. Verdades inconvenientes sobre o mito do guerrilheiro altruísta, quarenta anos depois de sua morte” (VEJA, outubro de 2007) percebemos a atribuição de um lugar de fala verídica aos enunciadores da revista.

Ao longo da reportagem este lugar autorizado de fala será recorrentemente demarcado na busca de sua consolidação desde as páginas iniciais na seção “carta ao leitor”, na qual os enunciadores da reportagem procuram construir a cenografia de uma pesquisa, descrevendo as etapas do processo de busca das informações, até a matéria principal em si.

É interessante observar que na seção “carta ao leitor” são colocadas três imagens distintas do guerrilheiro

*Para a juventude que quer mudar o mundo, o Che congelado na fotografia tirada por Alberto Korda em 1960— uma das imagens mais reproduzidas de todos os tempos— encarna os ideais de justiça e igualdade. Para os renitentes ideólogos do*

*marxismo, o herói romântico Che é um instrumento facilitador da doutrina que continuam a fazer em escolas e universidades. Mas quem era o homem a partir do qual se forjou o mito? Haveria uma correspondência exata entre o revolucionário de carne e osso e aquele perenizado em pôsteres e camisetas? A reportagem especial que começa na página 82 desta edição responde a essas perguntas.<sup>2</sup>*

Instauram-se três visões distintas sobre um mesmo personagem “Che” que, ao longo da reportagem será dessacralizado, passando de herói/mito para uma figura humana que posteriormente será desumanizada. Os enunciadores da revista constroem ao longo do texto a retirada de um suposto caráter divino de Ernesto Che Guevara, caráter este em muito também produzido pela própria reportagem, para posteriormente agregar-lhe imagens facilmente assimiladas como desumanas.

No desenrolar da reportagem tais imagens vão sendo destrinchadas, buscando a todo instante anunciar uma verdade que se contraporá a um mito-farsa, supostamente criado “pela máquina de propaganda marxista”. Propomos um quadro de análise no qual procuramos mapear as imagens (des)construídas em relação a Ernesto Che Guevara.

**Quadro de análise**

	<b>Juventude</b>	<b>Renitentes ideólogos do marxismo</b>	<b>“A Verdade” (enunciadores da revista Veja)</b>
<b>Visão sobre Che</b>	Encarna os ideais de justiça e liberdade;	Herói romântico, instrumento facilitador da doutrina que continuam a fazer em escolas e universidades;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Maltrapilho e sujo;</li> <li>- Porco com cheiro de rim fervido;</li> <li>- comandante imprudente e irascível;</li> <li>- Assassino cruel e maníaco;</li> <li>- Altruísta;</li> <li>- Asmático;</li> <li>- Boa-pinta que saía ótimo nas fotos;</li> <li>- Possuidor de um narcisismo suicida;</li> <li>- Ganhador da Guerra Fria;</li> </ul>

O Che produzido pelos enunciadores da revista, contrapõe-se ao compreendido pela juventude e pelos marxistas, pejorativamente chamados de renitentes ideólogos. Logo, identificamos aqui os embates que estão sendo travados. Em nossa hipótese, a questão que

<sup>2</sup> Revista Veja, 3 de outubro, 2007. P.9.

deve ser levantada após uma leitura crítica da reportagem é: “Que Che queremos /podemos lembrar?” Os enunciadores da revista indicam que o defendido por eles: maltrapilho, fracassado, cruel etc., e que assume em toda a matéria o adjetivo de “verdadeiro”.

#### **4. Considerações Finais**

Como afirmam os enunciadores da reportagem “O mito em torno de Che constituiu-se numa muralha que impediu até agora a correta observação de alguns dos mais desastrosos eventos da história contemporânea das Américas. Está passando da hora de essa muralha cair”.<sup>3</sup>

A imagem de uma muralha, em nossa leitura, recupera a imagem do Muro de Berlim, símbolo máximo do mundo bipolar e da Guerra Fria, e que teve sua queda em 1989 interpretada pelo discurso dominante como sendo a consagração do modelo capitalista. Uma afirmação de que muralhas ainda precisam ser derrubadas, indicam também focos de resistência e luta, focos esses que precisam ser destruídos pois como indica a reportagem “No rastro de suas concepções de revolução pela revolução, a América Latina foi lançada num banho de sangue e uma onda de destruição ainda não inteiramente avaliada, e, pior não totalmente assentada.”<sup>4</sup>

Sob este prisma destruir o “mito Che” significa não somente reescrever uma história passada, mas atuar no presente, desqualificando focos de resistência, “assentando” movimentos contestatórios, quebrando muralhas que impedem a consolidação de um mundo cada vez mais desumano e individualista.

Nosso principal propósito com este artigo foi demonstrar a atualidade do discurso anticomunista, ainda que se tente disseminar a idéia de que seu principal inimigo: o comunismo está morto. Pretendemos com isso, indicar um campo de pesquisa bastante sedento e pouco explorado, que assume múltiplas facetas de análise, seja priorizando a construção de identidades, ou a conformação de espaços de produção de consenso, ou ainda revigorando o debate da história política. Objetivamos em suma, ressuscitar questões que tentaram ser assassinadas pelos adeptos do “fim da história”.

#### **5. Referências Bibliográficas**

---

<sup>3</sup> Revista Veja, 3 de outubro, 2007. P.92.

<sup>4</sup> Revista Veja, 3 de outubro, 2007. P.92.

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Trad. a partir do francês de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da trad. por Fabiana Komesu. Rio de Janeiro: Contexto, 2004.
- CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Trad. de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DEUSDARÁ, Pâmella Passos. *Vozes a favor do golpe! O discurso anticomunista do Ipês como materialidade de um projeto de classe*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- JABOR, Arnaldo. *O inevitável aconteceu*. Abril. 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=328ASP014>> Acesso em: 20 dez.2007.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia—estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. 3ª ed. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.